

VARIA

SÁTIRA OU UTOPIA: A ‘PERFEITA’ SOCIEDADE DOS HOUYHNNHMS

Luís André NEPOMUCENO¹

- RESUMO: O presente artigo analisa o 4º livro das *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, em que o narrador descreve sua viagem à terra dos Houyhnhnms. Diferentemente dos outros 3 livros, este parece estar ligado às antigas utopias renascentistas, de que Swift particularmente não gostava. O relato, no entanto, revela-se tão satírico quanto os outros, assim que se compreende que a utopia dos Houyhnhnms esconde uma sátira da sociedade prática e racionalista, sustentada pela ausência de vícios e paixões, mas ao mesmo tempo, pela ausência de tolerância, amor e afetividade.
- PALAVRAS-CHAVE: Literatura satírica; utopia; Jonathan Swift.

Na “Carta do capitão Gulliver a seu primo Sympson” – espécie de prólogo às *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift – o narrador, Lemuel Gulliver, faz questão de deixar claro que os episódios e aventuras narrados por ele, em seu livro, são a mais pura verdade e, apesar de se distanciarem da tão recomendada verossimilhança dos teóricos da poética, representam fielmente os fatos experimentados outrora pelo mesmo capitão. Em vias de terminar a sua carta, datada de 1727, Gulliver se irrita profundamente com aqueles que, por uma razão ou outra, ousam “julgar o meu livro de viagens mera ficção, oriunda do meu cérebro, chegando a termos de insinuar que os Houyhnhnms e os Yahoos têm tanta existência quanto os habitantes de Utopia” (SWIFT, [19--], p. 42). Tudo isso, no entanto, não passa de uma mofa do próprio Swift: tanto o prólogo do editor ao leitor, quanto a carta do capitão, não passam de recursos de estilo de Swift, para corroborar a “obsessão pela verdade” de seu personagem, como se o autor infundisse no leitor certa sensação de que estavam diante de episódios verdadeiros, condizentes com a lógica, e ao mesmo tempo, distantes das invencionices daquela antiga geração de utopistas da Renascença, liderados por Thomas Morus, com suas viagens extraordinárias, sonhadoras da perfeição humana.

E, de certa forma, tudo isso não deixa de ser um fato, mas pela lógica do autor, e não do personagem-narrador, este sim, apaixonado por suas próprias aventuras, arrastado por sonhos que acredita ter vivido. Porém, na lógica de Jonathan Swift, as peripécias de Gulliver são uma verdade factual, na medida em que são uma sátira, e só por ela se explicam. Publicado pela primeira vez em 1726, em Londres, o saboroso clássico de Jonathan Swift (cujo imenso título original era *Travels into several remote*

¹ Departamento de Letras – Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM – 38702-054 – Patos de Minas – MG – nepomuc@terra.com.br.

nations of the world. In four parts. By Lemuel Gulliver, first a surgeon, then a captain of several ships) parte de um princípio típico das sátiras inglesas do séc. XVIII: deforma o real, costurando aqui e ali uma esdrúxula paródia desse mesmo real, sem, contudo, alterar-lhe os sentidos. Trata-se de uma estratégia engenhosa, porém não inteiramente nova, mas que àquele tempo (e por que não dizer hoje?) funcionava. Só assim se explica, por exemplo, a arrogância dos liliputianos, seres minúsculos que mal conhecem o pequeno mundo à sua volta, e que tomam o seu reino como o maior do universo. Tudo leva a crer que se trata de uma visão aguda da prepotência de pequenos monarcas, imbuídos do espírito absolutista, que se consideravam o centro de uma imensa ordem cósmica, apenas superados por Deus. A deformação do real, espécie de caricatura dissimulada do que se vê, torna a sátira bem menos óbvia, exigindo certa capacidade crítica do leitor, pelo menos no sentido de identificar o objeto da crítica – que nem sempre é explícito.

Mas o engenho de Jonathan Swift não pára aí: uma outra estratégia utilizada pelo autor – e que mais de perto nos interessa para as hipóteses deste estudo – é o fato de que a sátira chega ao leitor pelos olhos de um narrador algo desatento, o que diferencia enormemente as *Viagens de Gulliver* de qualquer outro texto satírico. Em geral, sátiras e paródias saem da pena de um autor consciente de seus intentos, já imbuído de espírito crítico, capaz de pactuar com o leitor os absurdos que está disposto a denunciar, e quanto mais consciente dos vícios denunciados, mais mordacidade irá imprimir o autor em seu texto. No caso do romance de Swift, essa lógica não funciona, pois que o autor filtra todas as observações pelas lentes do personagem-narrador, conferindo a ele a absoluta responsabilidade pelo fato narrado. E Gulliver é um sujeito diverso, muito diverso de seu criador. Em geral, é incapaz de observações agudas e se envolve confusamente com os fatos, deixando claro que não é possuidor de qualquer espírito crítico ou aptidão para o discernimento, o que evidentemente torna o humor ainda mais refinado e o leitor ainda mais ágil. Em termos práticos, isso funciona mais ou menos assim: Gulliver narra os abusos, as atrocidades e calamidades de cada um dos reinos que visita, mas ao mesmo tempo, toma-os por fatos inteiramente normais, como se o absurdo fosse subitamente banal e compreensível. Não há momento no livro em que o narrador Gulliver pondera, junto do leitor, sobre os escândalos daquilo que vê. Em outras palavras, não há cumplicidade entre o narrador e um leitor crítico, porque o primeiro denuncia involuntariamente aquilo que vê, e o segundo compreende.

Caso curioso a esse respeito, por exemplo, é o dos partidos adversários de Lilipute, história ridícula e divertidíssima: narra o secretário dos Negócios Privados a Gulliver o fato de que, no reino, havia dois partidos políticos, que tinham como causa de porfia o modo de quebrar um ovo. Segundo o funcionário, era comum que se quebrassem os ovos pela ponta mais grossa, até que, um dia, o avô de Sua Majestade, quando menino, cortou o dedo acidentalmente, levando o imperador, seu pai, a assinar um edito, obrigando os cidadãos a quebrarem o ovo pela ponta mais fina. Por causa

disso, estalaram rebeliões, formou-se uma facção contrária e, desde então, “calcula-se que 11.000 pessoas, em diversas ocasiões, preferiram morrer a sujeitar-se a quebrar os seus ovos pela ponta mais fina” (SWIFT, [19--], p. 43). Diante de matéria tão medíocre e irrelevante, Gulliver toma a sério o problema e se dispõe a estar do lado do Imperador e defender-lhe a pessoa e o estado contra invasores. É interessante lembrar que o mesmo Gulliver, em sua última viagem, ao país dos Houyhnhnms, quando de seu amargo discurso sobre o gênero humano, pondera: “são mais furiosas e sangrentas, e de maior duração, as guerras provocadas por diferenças de opiniões, maiormente quando a respeito de coisas sem importância” (SWIFT, [19--], p. 238). Mas no momento em que ouve do secretário as razões da excêntrica contenda, Gulliver não se dá conta da mediocridade de matéria “sem importância”. Enfim, ao ler o romance, estamos diante de um péssimo observador, que narra com seriedade aquilo que é ridículo, que toma por normal aquilo que é absurdo e que, por uma genial estratégia do autor, subverte para sátira, involuntariamente, aquilo que acredita ser relato factual. A sátira, portanto, está em nós, leitores, que somos capazes de compreender além daquilo que propõe o próprio narrador. Gulliver, como sugere o nome (de *gullible*? = “ingênuo”, “crédulo”), é mesmo desatento. Esse jogo de contradições parece ter sido natural do próprio Jonathan Swift que, como sugerem os biógrafos, era sério quando fazia piadas². É o caso do escandaloso panfleto satírico *A Modest Proposal* (1729), em que recomenda que as crianças pobres da Irlanda fossem servidas como jantar, como forma de a sociedade se ver livre delas. Nunca se sabia quando Swift estava falando a sério.

Mas ainda sobre a “desatenção de Gulliver” e sua incapacidade crítica, é curioso lembrar um outro episódio de Lilipute, quando os homenzinhos fazem uma revista nos bolsos do “homem-montanha”, extraindo dele os objetos pessoais, para um inventário destinado ao imperador. Posteriormente, diz o capitão:

Eu tinha, como já observei, um bolso secreto, que escapou à busca, e no qual havia um par de óculos (que uso, às vezes por ter a vista fraca), um óculo de alcance, de bolso, e outros objetozinhos úteis; os quais, carecendo de importância para o imperador, não me julguei obrigado, por minha honra, a exhibir; ademais, temia que se perdessem ou estragassem se eu mesmo me arriscasse a desabrir mão deles. (SWIFT, [19--], p. 32)

A respeito dessas “desatenções” de Gulliver, penso numa em particular, que deverá ser objeto deste estudo, a saber, suas observações sobre o país dos Houyhnhnms, expostas em seu último relato. Mas antes disso, vale a pena relembra-la a história das viagens, que é memorável: primeiramente cirurgião, depois capitão de

² “When he had said something funny or outrageous, or had stated, for effect, a shocking proposition with which no sane person could concur, he sucked in his cheeks and looked particularly serious” (GLENDINNING, 1999, p. 73).

navio, Gulliver passa por inúmeras aventuras, visitando os mais diversos países, conhecendo costumes diferentes, gentes estranhas, aprendendo seus idiomas e observando suas culturas. Dividido em 4 partes, o romance narra 4 diferentes viagens do personagem, cada uma delas servindo como referência de sátira para várias faces da sociedade humana. As duas primeiras partes têm natureza fundamentalmente política; as duas últimas, natureza moral, embora ambas as temáticas, por vezes, se misturem. Na primeira viagem, a Lilipute, Gulliver depara com seres minúsculos que, apesar da aparência divertida e graciosa, revelam-se maldosos e traiçoeiros, bem como arrogantes e presunçosos. Aqui, Swift faz sátira à pequenez humana diante do universo, à ganância dos reinos, ao absolutismo monárquico, aos inimigos de corte, aos partidos políticos e cargos públicos e, enfim, à ordem social e política vigente na Europa daquele tempo. Na segunda viagem, a Brobdingnag, Gulliver é agora um ser minúsculo numa terra de gigantes. Tido como animalzinho curioso, o capitão é exibido no mercado e nas praças públicas, para o lucro de seu amo. Examinado por sábios do rei, o suposto animalzinho é avaliado como “divertimento da natureza”, o que parece aludir à visão preconceituosa da Europa, diante dos povos primitivos e dos índios da América. Se é válida a hipótese, Swift tem como alvo o desconhecimento das culturas (Brobdingnag não espelharia a Europa gigante contemplando os medíocres?). A terceira viagem inclui uma série de pequenas ilhas, ou pequenos reinos, dos quais o mais importante é Laputa, onde os habitantes são tão obsessivamente dados à ciência e ao racionalismo tecnicista, e ao mesmo tempo tão lunáticos, que alguém precisa cutucar-lhes o corpo, para que entendam que um interlocutor lhes dirige a palavra.

Finalmente, a última viagem: o capitão Gulliver se vê no país dos Houyhnhnms, cavalos racionais que falam e têm cultura, e que possuem como escravos os Yahoos, seres humanos (ou pelo menos tidos como tal) inteiramente bestiais, estúpidos, imundos e irracionais, destituídos de cultura e de fala. Gulliver sente absoluta repugnância pelos Yahoos, e aos poucos, se vê tão afetivamente ligado à sociedade dos Houyhnhnms – harmoniosa, perfeita e exemplar – que deseja nunca mais voltar à terra natal, para passar o resto de seus dias junto aos cavalos que, a princípio, lhe deram boa acolhida. Gulliver, no entanto, é visto pelos Houyhnhnms como um Yahoo, se não em sua conduta e gestos, pelo menos em sua forma física, o que o deixa profundamente magoado: os Yahoos são disformes, monstruosos, traiçoeiros, animais. Mas aos poucos, quando de suas reflexões sobre a humanidade, deixa-se concluir: não passamos todos de uns Yahoos. Depois de três anos de vivência por ali, decide-se pelo pior: numa assembléia, os Houyhnhnms sentenciam que Gulliver deve partir porque, como Yahoo, não pode viver entre eles. O capitão chora, desmaia, lamenta, mas, por fidelidade a seu amo, acata a exortação e busca novas praias. É encontrado no mar por um capitão português, Pedro de Mendez, que o conduz a

Lisboa, para que possa depois alcançar Londres. De volta a casa, Gulliver sente repugnância pelos homens, pela esposa, pela família, pelo humano.

Numa primeira visão, a velha sátira de Swift se evidencia muito rapidamente: o autor cria um cenário em que os cavalos são racionais e ponderados, e os homens são irracionais como bestas, o que explicita a incapacidade do homem para a própria razão, refutando divertidamente a tese da viagem anterior. De imediato, compreende-se que a última parte do livro, distante das sátiras direcionadas a alvos específicos, lida fundamentalmente com o gênero humano como um todo, sem revestimentos ou ideologias, o espírito humano como ele é.

De fato, a posição de Swift quanto à razão humana era bastante polêmica. O satírico viveu a era de Newton, tempo de explosão da ciência e do empirismo, mas, ao mesmo tempo, jamais se deixou levar pelas conquistas do racionalismo, como mostra, por exemplo, o 3º livro de *Gulliver*. Como pondera Kathleen, em artigo reproduzido na antologia de Brady, “*Swift’s opinion of the scientific achievement of his day is, in itself, inadequate and considered as an attack on science the third must seem wrongheaded and unfair*” (BRADY, 1968, p. 60). Portanto, a razão humana era, para Swift, mera ilusão da consciência, e a subversão da ordem lógica “homem racional” x “cavalo irracional” é um jogo amargo de recusa da nossa capacidade de usar bem o atributo da razão. R.C. Crane, em artigo sobre a 4ª viagem (BRADY, 1968, p. 80-8), revela que a justaposição de *homo* e *equus* era um clichê recorrente nas academias e universidades de Londres, para se referir respectivamente ao racional e ao irracional – ao que tudo indica, reflexo do *Isagoge*, do neoplatônico Porfírio (séc. III), que estabeleceu tal relação. Nesse sentido, a 4ª viagem seria uma espécie de sátira antiporfiriana da razão humana.

São famosas as cartas de Swift a Alexander Pope, quando da época da edição do *Gulliver*: ali, Swift revela-se profundamente misantropo, decepcionado com o gênero humano (embora não o admita dessa forma), e chega a reformular a convicção de seu tempo, sugerindo que o homem não seja um *animal rationale*, mas um *animal rationis capax*, ou seja, “um animal capaz de razão” (ABRAMS, 1994, p. 2008). Tanta amargura e decepção com a sociedade tinham razão de ser: Swift, desde 1714, recolhera-se na Irlanda, depois de perder oportunidades de posição social e emprego na Inglaterra, por razões políticas e partidárias. E embora ideologicamente filiado ao partido dos *Tories* (adversários dos *Whigs*), parece mesmo que Swift era um indivíduo à margem da política, aliás, à margem de tudo, inclusive da própria religião, apesar de ter assumido ordens eclesiásticas na Igreja Anglicana.

Embora Gulliver jamais deva ser comparado a Swift, não deixa de haver ali certos traços biográficos, ou nuances, pinceladas discretas deste naquele. A amargura de Gulliver é um pouco do rancor do próprio Swift com o ser humano, ou mesmo, um pouco de sua misantropia que, se realmente existiu (e não faço idéia em que

grau), parece ter sido o modelo para seu personagem – uma misantropia que não gera ódio a este ou aquele indivíduo, mas à humanidade, com suas instituições, com suas hierarquias e vícios irremovíveis³.

Swift deve ter escrito seu *Gulliver* a partir de 1720, quando de seu exílio em terra pátria. Até 1713, o poeta satírico, ligado aos *Tories*, alimentava projetos de viver em Londres, na esperança de que a rainha Ana lhe concedesse um cargo eclesiástico e, conseqüentemente, uma posição junto à corte. Nada disso aconteceu: a morte da rainha, a queda de um ministro seu protetor e a ascensão dos *Whigs* ao poder, com a administração de Robert Walpole, foram fatos que levaram ao fim da vida pública de Swift. Sua nomeação, na Irlanda, como deão da Catedral de St. Patrick, de Dublin, foi uma espécie de prêmio de consolação. Swift viu-se inteiramente abandonado, vítima de perseguições políticas, o que, já a esse tempo, teria desencadeado seu rancor pelas estruturas sociais. A convivência com Sir William Temple, mais de uma década antes, também parece ter contribuído para a formação de sua consciência política. Temple era diplomata de alta influência na sociedade inglesa, intelectual, poeta, *Whig* e, acima de tudo, possuidor de uma cultura e de uma biblioteca invejáveis. Apesar de suas mudanças ideológicas futuras, Swift deveu muito de sua vida literária e de sua opinião sobre o mundo à sombra poderosa de Sir William Temple, que possivelmente o iniciou na vida pública, moldando-lhe o espírito crítico e o gosto pela sátira (ARNOLD, 1999).

No caso do país dos Houyhnhnms, como vimos, Swift satirizava o gênero humano como um todo, apontando para a sua incapacidade de razão. Se o romancista se viu em estado de inconformismo diante da vida e dos homens, é bem possível que isso tenha contribuído para firmar a idéia de que o ser humano está aquém da perfeita e pura sociedade dos animais, como era a dos Houyhnhnms. Mas a 4ª viagem de Gulliver não é apenas isso, ou pelo menos não é só essa a sensação que temos ao final do livro. Quando o capitão Gulliver chega ao país dos Houyhnhnms, e vê que as posições de racional e irracional estão invertidas, o quadro geral da descrição adquire um contorno cômico, sobretudo quando observamos as atividades diárias dos cavalos, com sua linguagem esdrúxula, com seu comportamento de gente. Como afirma Henri Bergson, o risível só está no que é humano. Somente rimos de um cavalo quando este adquire subitamente uma conduta humana, ou está sujeito a um objeto qualquer que o identifique com o ser humano. Um cavalo de chapéu e óculos, por exemplo, pode se tornar engraçado, apenas na medida em que esses objetos o identifiquem com o que é divertido no humano. Quando os Houyhnhnms se sentam em cadeiras com as nádegas, isso é cômico. Quando Gulliver assiste a uma égua branca de sua

família enfiar uma linha numa agulha com uma junta entre o casco e a quartela das patas anteriores, isso também é cômico, e ajuda a dar ao quadro satírico um leve tom de graça e humor, como é típico dos outros livros das *Viagens de Gulliver*. Quando muitos dizem que a ironia de Swift não tende ao risível, nem sempre isso é verdade. Há passagens irônicas efetivamente engraçadas no *Gulliver*: as acrobacias, em corda bamba, dos ministros de Estado de Lilibute para obterem seus cargos públicos; o alfaiate-matemático de Laputa; a grande academia científica de Lagado, em Balnibarbi; as guerras por causa da ponta fina e da ponta grossa do ovo. Tudo isso são episódios cômicos que reiteram o que há de divertido na sátira de Swift.

O lado risível da sátira ajuda a compor uma hipótese do próprio Swift (no prólogo do seu *A Batalha dos Livros*) a respeito desse gênero: a de que “a sátira é uma espécie de **Espelho**, onde em geral Quem se olha descobre o Rosto de todos, menos o Seu; o que é a principal Razão para a boa Acolhida com que o Mundo a recebe, e para que tão poucos sejam ofendidos por ela” (SWIFT, 1999, p. 274). Trata-se da mesma estratégia das antigas comédias gregas: revelar o risível do homem, para evitar que ele se identifique com seu lado mais mesquinho.

Mas se a primeira impressão sobre o relato do país dos Houyhnhnms é de que a narrativa assume ares de cômico e burlesco, não é esse o tom geral do episódio. Aos poucos, à medida que somos iniciados no conhecimento da sociedade dos cavalos racionais, percebe-se um tom de sobriedade que paira nas palavras do narrador, sobretudo quando descreve a harmonia, a ponderação e a paz de que se reveste aquela sociedade. Somos, de um momento para o outro, arrastados para uma descrição solene, de caráter mais profundamente filosófico, em que a diversão satírica dá espaço à reflexão de caráter social e ético. Parece mesmo que o leitor passa do riso à meditação, do divertimento ao discernimento, da graça ao sério, especialmente quando Gulliver e seu amo (um cavalo alazão) passam a dialogar (num estilo socrático) sobre a natureza ética das sociedades e sobre aquilo que constitui a profunda edificação humana, ou seja, a família, a justiça, a razão, enfim, a condição do ser. Aos poucos o leitor se pergunta: onde está o velho Swift das sátiras? Ou então: o que está sendo satirizado agora? É claro que há momentos não tão satíricos no livro, e também passagens que beiram à reflexão ética, como o memorável diálogo travado entre Gulliver e o rei de Brobdingnag (2º livro), em que o último conclui, amargamente, que o homem “é a mais pernicioso raça de pequenos e odiosos insetos que a natureza já permitiu rastejassem na superfície da terra” (SWIFT, [19--], p. 125). Mas nada que se compare a essa longa meditação, que é o diálogo entre Gulliver e seu amo Houyhnhnm, sobretudo porque este revela àquele a possibilidade de uma sociedade perfeita, em que não há mentira, nem traição, nem doença, nem divergências. A terra dos Houyhnhnms mostra-se diferente de tudo aquilo que Gulliver pôde presenciar e relatar aos pósteros. Se desde o princípio do livro Swift fizera paródia às literaturas de viagens, contrapondo mesquinhas, traições, idiotices e rancores às harmonias e

³ Swift, por vezes, gostava de divertir os amigos na tentativa de identificar-se com seu personagem. Em carta a Charles Fox (de 1721), refere-se às viagens de seu capitão imaginário como se fossem suas: “*I am now writing a history of my travels, which will be a large volume [...].*” (GLENDINNING, 1999, p. 179).

perfeições sonhadas por Morus, Campanella ou Bacon, o último relato surpreende o leitor pela súbita descrição de um espaço em que os vícios não são revelados, porque simplesmente não existem. Até então, estávamos acostumados ao vício, e os Houyhnhnms são tidos como seres dotados da mais absoluta virtude. Daí uma outra pergunta: Swift teria abandonado a sátira, em seu último livro, para construir ele mesmo a sua própria utopia, tão criticada em outros momentos?

Esse me parece o momento mais delicado do livro. A terra dos Houyhnhnms, que não conhece a mentira nem a infidelidade, e que só convive com a razão pura, seduz o leitor pela sua capacidade de diferenciação, sugerindo aqui e ali a edificação de uma utopia, daquelas de que Swift definitivamente não gostava. O impasse se resolve, no entanto, por mais uma daquelas desatenções do nosso personagem-narrador, o capitão Lemuel Gulliver.

Na verdade, o país dos Houyhnhnms não é nenhuma utopia, nenhum sonho de sociedade perfeita, embora pareça à primeira vista; Gulliver, em sua incapacidade crítica, simplesmente não enxerga os seus defeitos, ou por ingenuidade, ou porque já deixara claro que odeia o gênero humano. A estratégia narrativa utilizada no último livro é engenhosa, e ao mesmo tempo, tendenciosa, porque é capaz de articular uma contraposição intencional entre a sociedade dos Houyhnhnms e a dos homens, numa espécie de jogo de antíteses. Antes que o leitor seja iniciado na harmonia da sociedade dos Houyhnhnms, Gulliver faz questão de evidenciar uma longa reflexão sobre a mediocridade humana, toda ela exposta nos capítulos 5 e 6. Ali, Gulliver discute as causas da guerra, a injustiça, a maldade, o alcoolismo, a prostituição, as doenças, a corrupção política, etc., e o faz de maneira curiosa porque, como toda a explicação é dirigida a seu amo Houyhnhnm, o processo reflexivo leva em conta um interlocutor que jamais ouviu falar do que é a sociedade humana. Isso dá um tom de estranhamento às palavras de Gulliver e, à medida que nos colocamos na posição do amo Houyhnhnm, tomamos por estranha, absurda e incompreensível a nossa própria sociedade. É como se fôssemos subitamente estrangeiros em nosso próprio meio social, como se víssemos nossos próprios defeitos com os olhos do outro.

Os costumes e os valores dos Houyhnhnms são apresentados logo em seguida, nos capítulos 8, 9 e 10, como uma espécie de contraposição: os cavalos são tidos como verdadeiramente racionais, ponderados, fiéis, benevolentes, civilizados, decentes e, acima de tudo, virtuosos. No capítulo que entremeia a discussão, o amo Houyhnhnm faz um breve discurso, condenando a abusiva conduta dos homens (Yahoos), e o faz de forma sábia, como um Sócrates ensinando os acadêmicos, como um profeta que desce das montanhas. Inevitavelmente somos levados a crer que a sociedade dos Houyhnhnms é mesmo um sonho de ouro. Porém, é essa a última armadilha de Swift.

Gulliver se envolve tão afetivamente com os cavalos, que mesmo depois de estar em terra pátria, imita-lhes o andar e a linguagem semelhante ao relincho. Quando os

amigos mofam de seu andar parecido com o trote, toma isso por um elogio. E quando narra os episódios de sua estada naquela terra, faz questão de deixar claro que sua decepção com o gênero humano tornou-se inevitável. Já não suportava, por exemplo, contemplar sua imagem na água do rio, porque era a imagem de um Yahoo. Uma vez mais, estamos diante de um narrador apaixonado, que também envolve de paixão o leitor. Não se trata de um relato neutro, mas envolvente, obcecado e com uma forte e sagaz estratégia de condução dos fatos. Percebemos que no prólogo do livro – a carta do capitão ao editor –, Gulliver ainda está fortemente influenciado pelo modo de viver dos Houyhnhnms, deixando explícito que fora a viagem mais memorável de sua vida.

Mas vejamos: na descrição da terra dos Houyhnhnms, somos levados a crer numa sociedade sem vícios. Porém, o que há de negativo na sociedade deles? Os cavalos são amigos e fiéis, mas vivem uma estrutura hierárquica insuportável; são, por vezes, incapazes de compreender pequenos sentimentos de afetividade. Ao capitão Gulliver não é dado viver entre eles, porque é tido como um Yahoo, mesmo depois de ter provado, em três anos, sua capacidade de gratidão, amizade e fidelidade. A benevolência houyhnhnmiana se mostra preconceituosa e desconhecadora da cultura alheia, ainda que esta se revele cortês e civilizada. A educada expulsão de Gulliver (chamada eufemisticamente de “exortação”), por parte da assembleia dos Houyhnhnms, só foi possível porque estes são absolutamente incapazes de amar ou de, no mínimo, compreender o sentimento afetivo do outro. Apesar dos laços de amizade que os envolveram por três anos, não há qualquer emoção ou ressentimento por parte dos cavalos na despedida. Se, no princípio, somos levados a crer que a razão houyhnhnmiana como norte de vida é sua maior conquista ética, essa mesma razão se revela algo sombria, ofuscando qualquer margem de amor e afetividade – uma razão soberana, que quase leva ao desamor.

Assim sendo, os Houyhnhnms são como bonecos guiados por essa razão soberana. Mesmo entre eles, o amor inexistente, como observa o próprio Gulliver:

Quando se casam, dão grande importância à escolha das cores, para impedir que surjam misturas desagradáveis entre os descendentes. A força é muito apreciada no macho e a formosura, na fêmea; não por exigências do amor, mas para impedir que a raça degenera [...]. O cortejar, o amar, o presentear, o dotar e o pagar não têm lugar em seus pensamentos, nem termos pelos quais possam expressar-se na sua língua. (SWIFT, [19--], p. 260-1; grifo nosso)

E não existindo o amor, desaparece qualquer sentimento afetivo que vá distinguir um indivíduo do outro. São todos uma massa de seres amorfos, racionais, sim, porém inertes, passivos, obedientes, indiferentes ao indivíduo e submetidos a um abstrata e incompreensível lógica da razão.

Sua igualdade e democracia também se mostram estranhas: se todos têm direito aos produtos da terra (como na **Utopia**), a existência de castas demole a suposta

comunidade igualitária: ao se referir ao branco, ao alazão e ao castanho-escuro, Gulliver observa que estes “não haviam nascido com as mesmas aptidões intelectuais, nem com a capacidade de aprimorá-las, e continuavam sempre, portanto, na condição de criados, sem aspirar jamais a elevar-se acima da própria raça, o que nesse país seria considerado monstruoso e desnatural” (SWIFT, [19--], p. 248). Os Houyhnhnms definitivamente não acreditam no indivíduo, mas é o mínimo que se espera de uma sociedade que vê no casamento não um exercício de amor, mas um aprimoramento do vigor físico da espécie. A escolha das cores na união conjugal revela-se uma eugenia insuportável, porém não para eles, que não sabem o que é opinião. Só a custo, Gulliver soube explicar o sentido dessa palavra. Sem qualquer opinião ou sentimento passional, os Houyhnhnms vêem a morte apenas como um fato natural e necessário, que não implica qualquer sentimento de perda.

A “perfeita” sociedade dos Houyhnhnms é escravista (os Yahoos são escravos), eugênica, racionalista e totalitária: seus habitantes não conhecem outro país além do seu e são incapazes de compreender uma cultura alheia. Sua linguagem é restrita, o vocabulário é curto, porque não conhecem as paixões. Para completar sua imagem com um pequeno laivo de arrogância, a palavra com que se denominam – Houyhnhnm – significa “orgulho do universo”.

De suposta utopia, a última viagem de Gulliver transforma-se mesmo numa sátira ao velho sonho de uma sociedade racionalista (espécie de extensão do 3º livro), ou mesmo, ao sonho de uma comunidade sem vícios. É possível que Swift tivesse em mente a *Nova Atlântida*, de Francis Bacon, como objeto de escárnio, embora apenas na 3ª viagem de Gulliver isso fique mais claro. A utopia de Bacon baseia-se na felicidade absoluta alcançada pelo controle científico dos fenômenos naturais. A “nação virgem do mundo” é um “espelho digno do olhar dos homens”, dizia Bacon (1979, p. 254). A utopia da comunidade sem vícios já fora satirizada pouco antes de Swift por Bernard de Mandeville, um médico holandês residente em Londres que, por volta de 1705, publicou seu panfleto “*The Grumbling Hive, or Knaves turn’d Honest*”, aumentado posteriormente na curiosíssima *Fábula das Abelhas (Fable of the Bees, or Private Vices, Public Benefits*, de 1723). Historinha breve e divertida, escrita em dísticos octossilábicos, a *Fábula* diz que uma certa abelha, descontente com o alto grau de corrupção e vícios de sua colméia, rogou a Júpiter que desse virtude a todas as abelhas. O efeito é de uma amarga ironia: o deus ouve as preces e as abelhas tornam-se tão efetivamente virtuosas, que passam a desconhecer qualquer tipo de vício. Desde esse dia, a corte de Justiça ficou silenciosa, porque os devedores pagavam o que seus credores já tinham esquecido. Com ela se foram os oficiais, sargentos, etc. Os médicos também já não podiam viver da desgraça dos outros. Os padres, igualmente, ficaram no ócio, porque não existiam vícios a serem confessados. Os ministros do rei também tiveram uma grande mudança, vivendo frugalmente de seus salários. A colméia passou a não ter mais força armada, porque não precisava, o que

se tornou o riso dos estrangeiros. Em pouco tempo, veio-lhe uma terrível decadência, pois caiu o preço da terra e das casas. Ninguém mais viveu do luxo, do orgulho ou da luxúria: desapareceram almofadinhas, cortesãos e tavernas. Mercadorias inteiras foram removidas; mercadores faliram. Faliram investidores, artistas, tecelões (não se seguia mais a moda), faliram as cortes, faliu o Estado inteiro. Poucos sobreviveram na colméia para suportar o insulto dos inimigos. Cansadas de trabalho e exercício (consideravam o bem-estar um vício), uma meia dúzia de abelhas sobreviventes voou a uma árvore oca, abençoada com honestidade. Na moral da fábula, Mandeville acrescenta: viver sem vícios é uma vã utopia; a fraude, o luxo e o orgulho devem viver, enquanto recebemos deles os benefícios. Afinal, não devemos a grandeza do vinho à miséria dos trabalhadores na vinicultura?

É possível que Swift tenha conhecido a *Fábula* de Mandeville, já que ela circulou em Londres quando ele publicava sua *História de um Tonel* e sua *Batalha dos Livros*. Porém, independentemente disso, a pseudo-utopia dos Houyhnhnms tem desfecho parecido, visto que satiriza o sonho de uma sociedade sem vícios: tem-se uma amarga verdade, quando se descobre que a inexistência do vício só é sustentada à custa da inexistência do amor.

Para terminar, refiro-me a um saboroso episódio das últimas páginas, quando Gulliver, “expulso” do país dos Houyhnhnms, tenta alcançar, com os olhos, uma ilha ao longe para servir de primeiro abrigo. O capitão toma de seus já tradicionais óculos de alcance e a distingue a umas 5 léguas. Ao garrano alazão do seu lado, “pareceu-lhe apenas uma nuvem azul, pois, como não tinha idéia de nenhum país além do seu, falecia-lhe a habilidade para discernir objetos remotos no mar, que possuímos nós, que tanto conversamos sobre esse elemento” (SWIFT, [19--], p. 273).

Pior do que a “miopia” de Gulliver é a dos Houyhnhnms, já que ele ao menos tem óculos para corrigi-la...

NEPOMUCENO, Luís André. Satire or Utopia: The “Perfect” Society of the Houyhnhnms. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 193-204, 2005.

- **ABSTRACT:** *The present work analyses the fourth book of Jonathan Swift’s Gulliver’s Travels, in which the narrator describes his voyage to the Houyhnhnms land. Differently from the other three books, this one seems to be related to the old Renaissance utopias, that Swift particularly did not like. The narrative, however, is as satirical as the other ones, especially when it is understood that the utopia found in the Houyhnhnms is concealed by the satire of a practical and rationalist society, which is sustained by the lack of vices and passions, and at the same time, by the lack of tolerance, love and affection.*
- **KEYWORDS:** *Satirical literature; utopia; Jonathan Swift.*

Referências

ABRAMS, W. H. (Ed.). **The Norton anthology of English literature**. 4th. ed. New York: Norton Company, 1994. v.1.

ARNOLD, B. **Swift**: an illustrated life. Dublin: Lilliput Press, 1999.

BACON, F. Nova Atlântida. In: _____ . **Bacon**.2.ed. Tradução José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BRADY, F. (Ed.). **20th.century interpretations of Gulliver's travels**: a collection of critical essays. New Jersey: Prentice-Hall, 1968.

GLENDINNING, V. **Jonathan Swift**: a portrait. New York: Henry Holt, 1999.

SWIFT, J. **As viagens de Gulliver**. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Círculo do Livro, [19--].

SWIFT, J. **Panfletos satíricos**. Tradução Leonardo Fróes. São Paulo: Topbooks, 1999.

